

A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, DR. DAVID DE OLIVEIRA

N.º 46 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua de Francisco Agra, 4

Guimarães, 5 de Dezembro de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade—FAPE

1.º de Dezembro de 1640

A C R I S E

A anárquica especulação feita com a escolha do sucessor do Cardeal originou que a Pátria formosa e linda se curvasse ante a darindana do cruel Duque d'Alba e se deixasse entregar, qual condenado ou refens, ao mais doloroso captivo—agrilhoadas e ultrajadas a sua Liberdade e Independência.

A diletta vergonha de Carlos V imperava e Castela via satisfeitos os seus desejos—a união da península ibérica.

Triunfo dos rafeiros, domínio dos traidores, lento morrer da Pátria que déra leis ao mundo...

Assentes os arraiais dos Filipens em terra lusa, a sua péssima administração não era mais que o desmoronar do nosso império colonial, o esmagamento do bom do povo pelo aumento dos tributos de fazenda, a carestia de vida, a fome e a Morte.

Os interesses comuns cediam lugar aos colectivos.

Antes o azorrague do Conde Duque de Olivares que a vontade dos oprimidos.

Acatamento de regalias e respeito pelos vencidos, tudo ficção!...

1.º de Dezembro de 1640!

Viva a Liberdade!
Viva Portugal livre!

Ressurreição da Pátria portuguesa, — a Raça não morre!...

O Povo—alma da Raça—soube quebrar os grilhões e repeliu para longe o poderio Castelhana.

A Independência era recuperada e a noção de Liberdade compreendida.

Traidores e intrusos, pela janela fóra.

Portugal para portugueses.

A... restauração

O sr. Morais Carvalho, numa entrevista concedida ao «Diário de Lisboa» e transcrita pelo nosso incomparavel «Comércio», acaba de apresentar a mesma Solução que o Bentinho preconizou.

Dá-nos uma novidade!...

—Então, snrs. do «Comércio», é preciso ir aos de Lisboa saber qual o elixir a aplicar à Nação Portuguesa, quando correligionário vosso e vimaranense o tinha já descoberto?

Então o Bentinho não vale nada, apesar de vós gritar que a proclamação da Monarquia é a Solução Nacional?

E' preciso ir ao sr. Carvalho, pedir que diga que a falencia da Republica é completa?

E depois... o D. Manuel arvorado em Primo de Rivera... ceroulas sujas... devia ter piada...

Aquela do destino resolver... a mudança de regime, tambem não é mal metida; agora a tal coisa de... vir trabalhar conosco, vírgula: éle é o vens.

Ericcira—o eterno papão...

Afonso Costa, que dos seus talentos financeiros deu já incontestáveis provas, como o reconhecem gregos e troianos, viu frustrado o seu plano de organizar um ministério que, tendo o apoio de todos os partidos da Republica, pudesse enfrentar e vencer as dificuldades presentes.

Julgou e, a meu vêr, muito bem, que com o parlamento actual nenhum govêrno partidário pode levar a cabo a obra de reorganização que se impõe.

Tendo declarado que só presidiria ou tomaria parte num govêrno nacional que, marcando o início da nossa regeneração, marcaria a hora necessária da união entre os agrupamentos partidários, logo que viu que um desses agrupamentos se recusava a secundá-lo nos seus esforços, retirou-se.

Foi lógico.

Repellido o seu ponto de vista, que toda a nação acolheu com entusiasmo, nada o forçava a aceitar o ponto de vista alheio, por outro lado, lhe parecia erroneo.

Foi coerente.

Por isso, nada ha que possa servir de base aos ataques que em certa imprensa se veem esboçando contra êsse vulto político do regime.

Não estranhámos que em jornais monárquicos êsse ataque se fizesse; mas que êle se faça em imprensa republicana, parece-nos desacerto.

A afirmação que se faz de que se Afonso Costa não organizou ministério foi porque não quiz, é tola e descabida.

E se os poucos que combateram a formação de um govêrno nacional não encontram outra justificação para o êrro cometido ou melhores argumentos para sua defeza, mal lhes vai.

No govêrno, o partido nacionalista não teve ainda tempo para dar provas dos processos que empregará na solução dos problemas que urge resolver. Dos seus propósitos podemos dizer que êles são — pelo menos alguns — de molde a merecer o aplauso de todos.

Todavia, seja-nos permitido duvidar, e isto sem pessimismos, das medidas extremamente radicais com que se pretende calafetar a nau do Estado, que já mete água, diz o sr. Cunha Leal.

E se duvidamos não é pelo facto de julgarmos tais medidas injustas ou extemporaneas; nada disso.

Duvidamos apenas que elas sejam postas em execução.

Nem êste govêrno, nem quaisquer outros govêrnos partidários poderão executar as medidas em questão.

Seria demasiada abnegação e desta virtude não ha exemplo na politica de qualquer país — politica dos partidos, está bom de vêr.

Mas, pondo isto de parte, já podemos dizer alguma coisa do que será a obra governamental.

O que se tem passado veio confirmar o que aqui se disse sobre o assunto: o govêrno sem maioria nas camaras está à mercê do parlamento.

A' mais pequena proposta dos ministros, logo surgem as dificuldades e as conferencias entre o sr. Ginestal Machado e a opposição, conferencias em que se procura achar a plataforma que mantenha o govêrno, são tantas como as sessões parlamentares.

Isto é sintomático, claro como a água; muito mais claro do que o futuro que vai trazer-nos a falta de patriotismo de alguns pigneus armados em estadistas.

Lá se avenham...

O «Ecos» com aquele espirito simiesco que o caracteriza, lá volta a tanger o badalo da questão religiosa. Como já disseram todos os órgãos realistas deste mundo e do outro, tambem êle diz que a Republica não tem feito mais do que perseguir a Igreja.

Já aqui se provou que nunca a Igreja sofreu tantos saques e espoliações como no regime que o «Ecos» defende; já aqui se demonstrou que em matéria de humilhações nunca elas atingiram na Republica o grau que atingiram nos tempos da... serenissima.

Mas foi em vão.

O «Ecos» não leu ou não entendeu; e, por isso, lá volta a estropear a verdade, na lenga-lenga mentirosa de sempre, com aquela manha de *capoeira* que por força quer vencer a sua.

O certo é que à atitude de guerra da parte de algum clero respondeu a Republica com a energia pelo caso exigido.

O certo é que desde que o clero deixou de guerrear o regime, tem este procurado os meios para que a concórdia seja definitiva.

A isto se resume a questão e só isto faz cantar a imprensa monárquica.

E' que morta a questão religiosa lá se vai por água abaixo a esperança dos monárquicos e em vez do famoso *Té-Deum* veremos a fatídica missa de defunctos, e a diferença é grande e grave... para a grei.

Mas tranquilizem-se.

O remédio é facil, desde que se siga o *processo Mariotte*, que consiste em *raçar* D. Nuno com qualquer *pimpona* das nossas serras.

Como veem, deste modo quem quer pode arranjar um rei para uso doméstico. E ninguem lhes vai à mão, a não ser o mesmo D. Nuno.

Dizem que êle é fracote.

Lá se avenham...

Ainda bem...

Soubemos que a convite do Ex.º Administrador do Concelho, se realizou uma reunião, à qual assistiram os Empresários dos Cinemas e Digno Comandante dos Bombeiros, onde se debateu a questão dos piquetes para os teatros.

Ainda bem que S. Ex.º o fez, pois assim merece os nossos aplausos e o povo de Guimarães, pela tranquilidade que lhe proporciona, estamos certos de que lh'os não regateará tambem.

Terra de Ninguém

E' êste o título da nova secção que abrimos nas colunas do nosso jornal, e na qual poderão escrever todos os republicanos, assumindo, é claro, as responsabilidades que desses escritos lhes advenham.

Dório.

Productos

LÊDE E PROPAGAI

«A Razão»

SHELL

Os melhores

Assinai a «A Razão»

Salvar a Republica...

E' o DEVER dos BONS Republicanos!

Assim o disse o Chefe d'Estado

Palavras de fé!

«Tal nacionalidade é imorredoura, e vencerá todas as crises futuras, como venceu as passadas, por pouco que a vontade colectiva se manifesta.

E essa vontade colectiva renovar-se-ha, mais imperativa e forte do que nunca, se aqueles que pretendem guiar o povo o não fizessem com lealdade, isenção e patriotismo.

Se essa crise, se esse divórcio, entre dirigentes e dirigidos, se tornar irremediavel, então o povo português erguerá a sua voz, como o fez em 5 de Outubro, e AI DAQUELES QUE O TENHAM TRAÍDO».

(Do «Seculo» de 5-10-923.)

Ainda nas «Palavras de Fé» e lê tambem o seguinte:

— Que o não esqueçam os adversários da Republica nem aquelles que a servem sem fé, sem lealdade...

Propositadamente, transcrevi, este periodo em separado, e de mistura com a prosa que alinhavar vou, para a confecção deste «artigo», a que o meu compromisso semanal para com O Democrata me obriga.

E, permita-me, directamente, daqui, destas republicanissimas e patrióticas «colunas», dizer com todo o respeito, mas com toda a verdade e energia que caracterizo todos os atos da minha vida, ao Venerando Chefe de Estado, o seguinte:

Excelencia! de ha muito que tanto os inimigos da Republica, isto é, segundo as vossas palavras, os seus «adversários» e aqueles que a servem sem fé e sem lealdade se esqueceram daquilo que transcrever vou tambem, e que Vós, escrevestes, para conhecida ser de todos os portugueses, isto é:— «A sua ultima expressão de vontade colectiva instituiu a Republica, dentro da qual cabem todas as aspirações de justiça e liberdade. Patria e Republica constituem neste momento uma formula unica»; e, Excelencia! aproximadamente, numa carreira vertiginosa, o momento do Povo refintamente republicano, erguer a sua voz... «como o fez em 5 de Outubro» e, então, certo será... «ai daqueles que o tenham traído...!!».

O que se está passando nesse corrupto Terreiro de Paço, nessas dependencias do Estado, dirigidas por «tubarões, videirinhos» e «despergonhados», e nessa casa de tudo que ha, não só de mais vergonhoso, mas tudo quanto ha de mais anti-patriótico e de mais anti republicano! e, continuar a tolerar-se tal estado de coisas, é tornarmo-nos cúmplices, de quem comete tais atentados de lesa Patria e de les Republica!

E, se aqueles que nos armaram com carabinas e bombas, para defender a Republica e a sua Constituição «em 14 de maio»; tornando a armarmos em 1919, com os mesmos instrumentos de Justiça, para então, além da defesa da Republica e da Constituição, defendermos tambem a Honra de Portugal, julgam que nós de «braços cruzados a Republica deixaremos entregar aos seus ferozes inimigos e, quicá a Patria ao dominio estrangeiro, enganando-se redondamente! E, agora, mais do que nunca, depois de lidas com respeitoso carinho, patriotismo e republicanismo as Palavras de Fé!... porque acreditamos que elas foram escritas com toda a sinceridade e, essa sinceridade deu-nos novos alento para a luta, pois vale mais morrer com Honra varado pelas balas das armas dos que chefiam a corrupção, a desvergonha, o anti-patriotismo e o anti-republicanismo, de olhos fitos no, Ceu azul-claro de Portugal e na Bandeira verde Rubra da Republica, com o coração cheio da Esperança «que nos deu a leitura das Palavras de Fé!... do que deixar continuar este deboche que desprestigia a Republica e avilta o honrado e glorioso nome de Portugal!!...»

A maioria das «unidades» de terra e mar; a maioria dos cargos administrativos; e so direitos dos serviços da Republica, estão entregues a confessos inimigos da Republica, e nos partidos rotativos da governação publica, mascarados de republicanos estão dando ordens e perseguindo sacrificados republicanos, antigos servidores da monarchia, que, antes de 1910, o fido e caído regime, aproveitar não queria... nem para o recrutamento do seu «pessoal menor»...

E, esse Parlamento, que para ahí está, e que se diz republicano... «sai da urna», devido a monstruosos e criminosos conluios, entre republicanos e monarchicos dos varios «circulos», razão porque os monarchicos impuzeram aos republicanos que traindo estão a Republica, autoridades de sua feição, que só servem os interesses dos seus amigos, e ferem na

sua dignidade os republicanos que de armas na mão, desde «31 de Janeiro» de 1891, até «19 de outubro» de 1921, procurado tem honrar o nome portuguez tanto a quando da instituição da Republica, como no solenissimo momento do criminoso «defetivismo», etc., etc. Em face deste...POUCO, que apontado deixamos, perguntado? Ha, ou não: «uma crise, um divórcio, entre dirigentes e dirigidos, que, dia a dia, mais e mais se vai tornando IRREMEDIAVEL?»

E, se isso, assim é, PORQUE O É... Chega, ou não chega, n'uma cair ira vertiginosa o momento do Povo refintamente republicano se colocar ao lado do venerando Chefe do Estado, e, com sa «Palavras de Fé», bem gravadas no coração, erguer a sua voz... como o fez em «5 de Outubro»?

Pois bem! republicanos de uma só fé, extrememos os campos, isto é sua voz, para prestigio da Republica que se instituiu em 5 de Outubro de 1910!

E, a outro lado, os que ameaçados, republicana e patrioticamente o são, «Palavras de Fé!...»

E, em uma «escalada» heroica, de morte ou vida, igualando a ESCALADA DE MONSANTO, e a que, depois se fez desde as celebres «Linhas de Torres», até ás fronteiras do Minho, Douro e Traz os Montes, depois de extremados os campos e de apetrechados como em 1919, saneemos esta queridissima Republica, mas, não ficamos, como se fez em 1915, em 1919 e... em 1921, isto é, não desarmemos sem que esse «saneamento» por completo se faça, pois só assim, as PALAVRAS DE FÉ significarão a Republica e salvarão a Patria, das aduncas garras dos «tubarões», dos «videirinhos» e dos «despergonhados» cúmplices dos ferozes e traidores inimigos da Republica!

«Defensores da Republica»!

Viva Portugal com honra!

Viva a Republica dignificada!

Vivam as Palavras de Fé!

Bemfica, 19 de Outubro de 1923

Carlos de Magalhães Ferraz

Transcrito de «O Democrata», de 21-11-923, com a respectiva vénia.

SHELL

Gasolina

Petroleo

e Oleos

Cartas de um republicano

Meu Presado Amigo:

A necessidade de um governo nacional em condições de poder realizar uma obra de sã administração e da mais escrupulosa economia está sendo reconhecida por toda a gente.

O partido nacionalista agarrando-se ao seu ponto de vista meramente partidário, assumiu não só terribes responsabilidades, mas, tambem creou contra si um sem numero de inimidades, de todos aqueles que punham na formação do governo Afonso Costa as suas melhores esperanças para a rapida solução da crise actual.

Coerente com as suas afirmações o Partido Nacionalista acaba de constituir governo debaixo da presidencia do sr. Ginstal Machado.

Parece ao meu amigo que o actual ministério não está nas condições, por motivos variadissimos, de enfrentar a situação do País, verdadeiramente aflitiva.

Sem ser pessimista, sou tambem da sua opinião e calculo mesmo que não será longa a duração de tal ministério que desde o principio foi condenado pela mais alta individualidade do referido partido nacionalista—Alvaro de Castro—que dêle não quiz fazer parte.

A gravidade do momento que corre aconselhava a organização de um governo forte que contasse com o apoio de toda a nação, para poder resolver os multiplos e dificeis problemas de cuja resolução dependem a prosperidade e o socego da Nação.

Mas com o que não concordo por principio algum é com a solução que se lhe antolha como sendo a mais natural, ou seja a formação de um governo militar.

O exército sendo a defesa e salvaguarda da Pátria, deve estar tão alto, tão alto, que nunca se possa imiscuir nos negócios politicos.

O exército tem uma alta missão a cumprir e essa lhe basta.

Para que chamar o Exército para a politica, se dela, demonstrado foi variadissimas vezes, nunca êle poderá sair com honra nem prestigio?

Que o Exército se resolva a apoiar um governo nacional, garantindo a ordem publica contra todas as tentativas que o pretendam derrubar e auxiliando-o com o seu reconhecido espirito de sacrificio e com a comprovada competência de seus illustres officiais em todas as emergencias dificeis, achamos perfeitamente razoavel.

Mas assumir ele as reideas do governo... não; e não, porque daí só podem advir perigos para a Patria, para a Republica e principalmente para o próprio Exército.

O eminente estadista que é o sr. dr. Afonso Costa, entrevistado pelo «Diario de Noticias», declarou perentoriamente que vinha disposto a governar constitucionalmente e que não via necessidade alguma de ditaduras, para a resolução da grave crise porque estamos passando.

Assim pensam todos os governantes que sabem presar a liberdade e a felicidade dos seus governados.

E fique certo meu amigo, que todos êsses tiraneles que se souberam habilidosamente aproveitar das actuais condições da vida europeia, para, em nome dum falso patriotismo, esmagarem as liberdades politicas pelos povos conquistadas ao fim de tantos seculos de lutas em que tanto e tanto sangue se verteu, terão brevemente um fim tão terrivel... que durante muitos e muitos anos servirão de exemplo a todos esses aventureiros que julgam facil ou mesmo possivel subordinar a sua tiranica vontade toda a Humanidade.

Seu amigo

Mário.

Vitória Sport Club

ASSEMBLEA GERAL

São convidados os socios dêste Club, a reunirem na sala das sessões da Associação Artística, Rua Gil Vicente, no dia 9 de dezembro pelas 10 horas para se tratag da eleição dos corpos gerentes para o ano de 1924. Se não comparecer número legal de socios firará a sessão adiada para o dia 16, pelas mesmas horas, funcionando com qualquer número de socios.

Guimarães, 30 de Novembro de 1923.

O Secretario,

Luis Gonzaga Leite.

LÊDE E PROPAGAI

«A Razão»

ANGOLA

O problema da colonisação de Angola, constitue um vasto campo de estudo para os que ainda se interessam pelo futuro de Portugal.

Um governador colonial dos nossos tempos sintetizou-o em três pontos basilares: Nacionalisação indigena, fomento; por outras palavras, conquista politica, missão humanitaria, aproveitamento economico, correspondendo respectivamente ás nossas aspirações, aos nossos deveres e aos nossos interesses. Todos estes aspectos se engrenam e conjugam tão intimamente, que difficil é trabalhar com utilidade e proveito dispensando qualquer dos componentes acima enunciados.

É uma verdade flagrante, que numerosos factos demonstram, ter o actual Alto Comissario de Angola enveredado pelo caminho da colonisação integral, isto é, olhando o problema na sua generalidade, sem descurar de nenhuma particularidade, que outros menos aptos não teriam visto nem sequer talvez pressentido.

E porque assim é, nós temos assistido a um verdadeiro resurgimento das nossas enegias colonisadoras no curto espaço de dois anos encontrando-nos actualmente numa situação prometedora das mais vastas realisações praticas a bem das nossas finanças e do nosso credito internacional. A atmosfera de confiança que a obra do Alto Comissario de Angola tem criado, produziu os desejados efeitos, atraindo para essa nossa colonia do occidente africano, as atenções de todos aqueles que procuram salvaguardar os interesses próprios, sem esquecer os da sua Patria.

Toda a energia canalizada para o estrangeiro, expressa em capital e trabalho, este por meio de intensa emigração, aquelle pela criminosa especulação de cambiais e depositos em Bancos estrangeiros, todos estes factores de descrédito, falencia e ruina nacional, tem hoje o condicionamento necessario para diminuir, orientando-se para uma vida nova em que definitivamente se prouve essa afirmação tantas vezes feita, de que o futuro de Portugal está nas Colonias.

No meio da geral desorganisação politica, economica, e financeira, crise aguda que asoberba o mundo e que faz incidir sobre Portugal a quota parte dos seus perniciosos efeitos, é justo reconhecer um movimento de reconstituição tendente ao justo equilibrio de todas as forças humanas.

Dentre os varios aspectos interessantes desse movimento, em Portugal, impõe-nos uma cuidada apreciação e desenvolvimento da nossa acção colonisadora, por variadissimas razões manifestada com maior eficiencia em Angola.

É importante o numero de empresas de exploração agri-

cola e industrial estabelecidas em Angola nestes ultimos tempos. É a iniciativa particular ajudando a acção official, não só pelo capital que movimentam, mas tambem pelo grande numero de colonos cuja fixação determinam.

Dentre essas Empresas, merece-nos especial atenção a Sociedade Agricola Industrial de Angola, Limitada, sociedade por quotas, que durante dois anos tem vindo a preparar as bases da sua organização verdadeiramente modelar, e que neste momento procede á sua transformação em Sociedade Anonima.

Serenamente, sem precipitações que podiam conduzir a erros, nem ambições que podiam ser desastrosas, os elementos constitutivos dessa Sociedade, tem-se esforcado por levar a cabo o seu empreendimento e a verdade é que se encontram no melhor caminho para a efectivação integral de todos os seus objectivos.

O desenvolvimento da Provincia de Angola, muito tem a esperar do esforço de organismos de trabalho, constituídos nos moldes da S. A. I. A. L. pois que, ao interesse pessoal dos seus fundadores, estão intimamente ligados os interesses economicos do paiz e os de todos aqueles que desejem colaborar na sua obra eminentemente patriótica.

EDITOS DE 30 DIAS (2.ª Publicação)

Pelo Juizo de Direito da quarta vara civil da comarca do Porto, cartorie do escrivão do quinto officio, Balha e Melo, prendem seus termos uns autos de justificação para habilitação, nos quais os justificantes D. Emilia Maria Lopes Alves e marido Claudino Pinto Teixeira da Costa, da freguesia de Serzedêlo, — Maria Alves Dias e marido José Dias Leite de Freitas, da freguesia de S. Miguel das Caldas, — João Lopes Alves, solteiro, maior, capitalista, da freguesia de Santa Maria de Infias, — D. Cecilia Carneiro Pereira Lopes e marido Antonio Pereira Lopes, da freguesia de S. Miguel das Caldas, — Cecilia Alves Guimarães, tambem conhecida por Cecilia Alves Dias e marido Manoel Damião Guimarães do lugar da Estrada Nova, freguesia de Infias, — José Lopes Carneiro, solteiro, maior, da cidade de Guimarães, e Francisco Pereira Lopes e mulher Ludovina Monteiro Esteves, do lugar do Pombal, da freguesia de Infias, — Tomaz Pereira Lopes e mulher Antonia Monteiro Esteves, do lugar de Arca do Meio, freguesia de Pinheiro, — Deolinda Pereira Lopes e marido João Pereira, do lugar do Santo de Atim,

freguesia de Infias, Ana Pereira Lopes, solteira, maior, do dito lugar de Atim de Cima, — Maria Pereira Lopes, tambem conhecida por Maria da Conceição, solteira, maior, do mesmo lugar de Atim de Cima, — Belmiro Pereira Lopes, solteiro, maior, tambem do mesmo lugar, todos da comarca de Guimarães, pretendem, com audiência do Ministério Publico e interessados incertos, habilitar-se como unicos e universaes herdeiros de Manoel Lopes Alves Guimarães, proprietario, natural da freguesia de Infias, comarca de Guimarães, falecido no dia quatorze de Julho do corrente ano, no estado de viuvo da falecida Cecilia Guimarães, morador que foi na rua do Almada n.º 97, freguesia da Victoria, da cidade do Porto, sem testamento, não deixando ascendentes nem descendentes, e assim haverem a sua herança e reparti-la entre eles nos termos de direito.

E nos mesmos autos correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação do presente anuncio citando quaisquer interessados incertos que se julguem com direito a opôr-se á requerida habilitação, para na segunda audiência posterior ao prazo dos editos, verem acusar a sua citação e aí marcar-se-lhes o prazo de três audiencias para a contestarem, querendo, sob pena de revelia.

As audiencias no Juizo de Direito da comarca do Porto, efectuariam-se ás terças e sextas feiras de cada semana, por dez horas, no Tribunal Judicial, sito á rua de S. João Novo, da cidade do Porto, não sendo dias feriados, porque se o forem, terá lugar a audiencia no dia seguinte á mesma hora e local, sendo dia util.

Guimarães, 19 de Novembro de 1923.

O escrivão do 1.º officio,
Armando da Costa Nogueira.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Amadeu G. Guimarães.

Productos

SHELL

Os melhores

Assinaí a «A Razão»

MUTUALIDADE GERAL DE SEGUROS

SÉDE EM LISBOA

6 -- Rua do Largo do Corpo Santo -- 6, 8º

INSCREVENDO-SE

NA

Mutualidade Geral de Seguros

O patronato coloca-se a coberto de todas as responsabilidades da lei de desastres no trabalho, a troco dos menores encargos.

LUCROS DIVIDIDOS POR TODOS OS SEGURADOS :
QUE SERÃO AO MESMO TEMPO SÓCIOS DA EMPRESA

Director-Delegado em Guimarães:

Miguel Antonio Neves Janeiro.

FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES

— DE —

Manoel Jesus de Souza

17, Praça D. Afonso Henriques, 20

Laboratorio de productos quimicos e especialidades farmaceuticas;

solutos esterilizados, cuidadosamente doseados.

Aviamento escrupuloso de receitauario medico e com productos

escolhidos recebidos directamente do estrangeiro.

GRANDE STOK DE ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.

Posto de socorros: } Mutualidade Portuguesa
 } O Trabalho

Officina de vassouras e escovas de piassaba e espanadores de cabelo

— DE —

Clementino Machado

Mêdêlo — F A F E

Concerta sô as vassouras

fabricadas nesta officina

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatório

PREÇOS SEM COMPETENCIA

V A G O

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

**Rua da Republica, 93 -- 97
GUIMARAES**



DE— GUARDASOLARIA VIMARANENSE

Martins, Faria & C.^a, L.^{da}

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto às escadinhas)

Deposito de guardasóis e chapéus. Concertam-se os mesmos
Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranesse

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.^a
Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas
e papeis de crédito

Rua da Republica, 144 — GUIMARAES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas
LANIFICIOS

Antiga Merceria e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola
e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARAES

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Tour)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, velos, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO,"

Semanario Republicano

ASSINAATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre 500 centavos

Anuncios e comunicados, contracto
especial

Numero avulso 20

Ao Cidadão